

 <https://doi.org/10.23845/kgt.v15i1.649>

Uma metafísica para além do feminino e do masculino [A metaphysics beyond the feminine and the masculine]

Alfredo de Oliveira Moraes

Professor Associado do Departamento de Filosofia e Membro do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Brasil; Membro Fundador e ex-Presidente da Sociedade Hegel Brasileira-SHB; Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; autor entre outros de *A Metafísica do Conceito*, EDIPUCRS, 2001.
E-mail: alfredodeoliveiramoraes@gmail.com

Resumo

O autor apresenta de modo sucinto e provocativo a tese de que é urgente e imprescindível a mudança de base da Metafísica, assevera que a história da Metafísica iniciada com Tales de Mileto, ao longo do seu desenvolvimento limitou-se apenas a propor diferentes matérias como base da Metafísica, sem jamais questionar a possibilidade de outra base e que frente às descobertas da ciência contemporânea não é toda a Metafísica que perde sentido e razão de ser, mas apenas essa Metafísica de base material e propõe a possibilidade de se retomar a Metafísica em bases relacionais. Para o autor, O mundo precisa de Filosofia, a Filosofia carece de uma nova base metafísica e uma Metafísica em novas bases exige a coragem de ousar, não inconsequentemente, não em discursos edificantes, não em lampejos de genialidade, não em frases midiáticas, mas em diálogo com os outros saberes e a realidade por eles revelada, desvelada; uma Metafísica que seja capaz de apreender e expor em seu *lógos* a realidade dos laboratórios de nanotecnologia, dos telescópios (como o Hubble e outros), das redes sociais que grassam na internet, do pensamento holográfico e seus fractais, em fim, de tudo o que constitui a nossa realidade efetiva contemporânea. Em conclusão, metafísica numa nova base que possa nos levar além do feminino e do masculino, e contribuir para realizar nosso potencial como espíritos vivendo uma experiência humana.

Palavras-chave

Metafísica. Substância. Suprassumir. Base relacional.

Abstract

The author present of way summarized and provocative the thesis of what is urgent and essential the change of basis of the Metaphysic, he state that the history of Metaphysic that began with Thales of Miletus and over the its development limited itself to doing only to propose different matters like basis of the Metaphysic, but never asked about the possibility of another basis, and now before to the new discovery from the contemporary science not is the Metaphysic itself that lost its sense and reason to be, but only the metaphysic of material basis. So he proposes the retake to the Metaphysic in relational basis. For the author, the world needs of Philosophy, and the Philosophy needs of a new metaphysical basis, that new Metaphysic demand the courage of us be daring, no without consequence, no in a moral speech, no through any kind in sight of a brilliant mind, no in sentences of the media, but in dialogue with the others knowledge and the reality for they revealed; A Metaphysical that be capable of to make apprehension and to explain in its logos the reality that come from the laboratories of nanotechnology, from of the new telescope (like Hubble and others), from the social webs that packed the internet, from the holograph thought and its fractal, in short, from the everything that constitute our contemporary effective reality. At last, metaphysic on a new basis that can to reach beyond of the feminine and masculine and to contribute to realize our potential as spirit living a human experience.

Key-words

Metaphysic. Substance. *Aufheben*. Relational basis.



Na história e na realidade presente, muitas mulheres elevaram tão alto o respeito, a dignidade, a bravura, a inteligência e o pensamento humano sem que para isso tivessem que se engajar em defesa do feminismo; por outro lado, uma multidão imensa sofreu e ainda sofre, tão somente, por sua condição de mulher. E na Filosofia, na ciência que se pretende esteja no fundamento e no desvelamento de todo agir e construto humano, o que dizer da presença da mulher?

Não quero aqui fazer um relato histórico ou historiográfico da presença feminina na Filosofia, deixo a outros essa tarefa, quero, isto sim, colocar em debate a possibilidade de construção de conceitos, categorias e elementos do pensamento filosófico que atendam às especificidades do pensar feminino. Não me apraz pensar, abstratamente, em termos universais vazios, estou por ofício preso à realidade efetiva, ao singular ou universal concreto. Também não pretendo contribuir para um raciocinar que, limitado ao Entendimento, apenas é capaz de separar e distinguir, incapaz de apreender a unidade do todo na multiplicidade das diferenças que o integram.

Tampouco, sou dos antidialéticos que somente pensam ou ou, se isto não aquilo, antes me situo entre os que pensam a contradição, não para resolvê-la ou extingui-la, mas na perspectiva de que tudo o que existe, pelo simples existir, é contraditório em si mesmo, não preciso eliminar e nem exaltar a contradição ela é aí, o que não podemos é fazer dela uma injustiça, um motivo de preconceito ou ainda pior compreender a vida como uma luta porque nela há contradições.

Por conseguinte, defendo que para pensar o todo é necessário pensar as partes que o constituem, daí que, assim como temos as categorias, elementos e conceitos pensados a partir da determinação masculina da humanidade, seja, igualmente, imprescindível que tenhamos as categorias, os elementos e conceitos pensados a partir da determinação feminina do humano, para então podermos apreender a adequadamente a humanidade e seu mundo.

Com efeito, acredito que temos um substrato comum que partilhamos no pano de fundo do nosso sistema de crenças o qual identifico presente nas culturas humanas sob diversos nomes e que entre nós se apresenta na fundamentação Metafísica em que se enraíza todo o nosso saber e conhecimento. E, mais, a Metafísica de base material adotada na tradição filosófica e ainda hoje como se fosse a única possível é a



fundamentação última, primordial e essencial a todo pensamento vigente na Política, na Economia, na Ciência, na Teologia, na Filosofia, na Arte, nas relações sociais e pessoais, em resumo, em tudo o que é humano na contemporaneidade; razão pela qual a tarefa mais urgente seja pôr em questão essa metafísica de base material.

Apresento uma proposta de repensar os fundamentos da Metafísica, tomando como ponto de partida o pensamento hegeliano de uma Metafísica de base espiritual, assentada na substância que é sujeito, para propor uma Metafísica de base não material, cujo fundamento está assentado na totalidade dinâmica de relações autocentradas que constitui a substância-sujeito.

Já se disse que a Filosofia é um ato de ousadia, tanto movido pela 'admiração' frente ao universo - seja em sua dimensão macro, micro ou nano -, quanto pela paixão no sentido hegeliano de ser algo a que a pessoa se entrega na sua íntegra e com exclusividade ao objeto de seu desejo. Ouso, e estou ciente de que isso me coloca na contramão do pensamento que ainda domina a cena filosófica, e sustém invisivelmente as ciências particulares vigentes, o sistema econômico que o retroalimenta e as decisões políticas que o justificam, bem como as ideologias.

Meu ponto essencial é de que à Metafísica não basta apenas se desviar de um suposto 'desvio', nem se resignar a um anunciado fim, enquanto um esgotamento de suas possibilidades de existir, e muito menos aceitar, sem mais, o esvaziamento do sentido do seu lógos – como razão do discurso e discurso da razão; à Metafísica não cabe, também, o açodamento de uma crítica que sem ser capaz de iluminar os seus fundamentos se compraz num emsimesmar de um monólogo umbilical que despreza as contribuições efetivas das ciências particulares contemporâneas, sobretudo, daquelas sobre as quais a academia ainda reluta em lidar por causa das consequências de suas verdades.

A esse respeito podemos observar que desde há um século o mundo, pensado como totalidade dinâmica de significados, clama por uma Metafísica que responda às inquietações trazidas pelo pensamento quântico (mecânica, física e biologia quânticas), pelas novas descobertas da astronomia (basta lembrar que até o início do século passado o nosso universo se resumia a Via Láctea, enquanto, agora temos a comprovação do pensamento de Einstein quanto à natureza da gravidade, refiro-me à recentíssima descoberta das ondas gravitacionais), pelas novas ciências como a Cibernética e ainda pelas tecnologias que nos tem permitido explorar as dimensões nanológicas da realidade.



Estamos diante de um paradoxo: nunca se desdenhou tanto da Filosofia como algo inessencial e, igualmente, jamais se teve tanta necessidade da Filosofia. O mundo precisa da Filosofia, mas a Filosofia carece de uma nova base metafísica e a construção de uma Metafísica em nova base exige a coragem de ousar, não inconsequentemente, não em discursos edificantes, não em lampejos de genialidade, não em frases midiáticas, mas em diálogo com os outros saberes e a realidade por eles revelada, desvelada; uma Metafísica que seja capaz de apreender e expor em seu *lógos* a realidade dos laboratórios de nanotecnologia, dos telescópios (como o Hubble e/ou ainda o que está programado para ser lançado em 2018), das redes sociais que grassam na internet, do pensamento holográfico e seus fractais, da complexidade crescente das relações intra e entre nós, em fim, de tudo o que constitui a nossa realidade efetiva contemporânea.

Quando Einstein resumiu na sua famosa equação $E=mc^2$ o fim da solidez e concretude da matéria, fez implicitamente um apelo inconsciente e não escutado pela comunidade filosófica de que a matéria não poderia seguir sendo a base da Metafísica, enquanto pensamento filosófico que em última instância pretende traduzir em conceitos o novo emaranhado de significados que expressa o mundo. Ora, o que surpreende é a cegueira dos grandes vultos da filosofia do século passado em enxergar essa exigência, e o que mais surpreende é que não precisamos reinventar a roda para propor uma Metafísica em bases não-materiais.

Husserl cunhou a expressão *uma mudança na direção do olhar*, e por certo, essa atitude fenomenológica pode bem ser o ponto de partida para essa nova Metafísica, a minha proposta é: mudar a direção do olhar ao *revisitar* Hegel, assim como um compositor brasileiro escreveu em uma canção popular *gosto do Pessoa na pessoa*, apelo a que deixemos de lado os Hegels de Marx, dos marxistas, de Kojève, de Fukuyama, de Popper e tantos outros e, talvez, gostemos mais de Hegel na pessoa, na palavra que emerge do texto e insinua sentidos somente captados nas entrelinhas do discurso hegeliano.

Pois bem, Hegel na pessoa nos diz: “o nada, enquanto esse nada imediato, igual a si mesmo, é também, inversamente, o *mesmo* que o *ser*. A verdade do ser, assim como do nada, é portanto a *unidade* dos dois: essa unidade é o *vir-a-ser*.”¹

¹ Hegel, G. W. F. - *Enciclopédia das Ciências Filosóficas, vol. I, Ciência da Lógica*, Trad. Paulo Meneses. São Paulo. Loyola, 1995, p.180, §88.



Assim, a primeira manifestação do ser ou sua fenomenização entitativa ou, melhor, constitutiva de todo ente, ela mesma ainda um não-ente, é o vir-a-ser. O vir-a-ser é o ser e o nada como **relação**, e por isso nele se determina a essência de todo ente – **ser relacionar-se**. Tudo o que é, tudo o que existe é um fluxo de relações, essa é a base que se oferece como fundamento de uma nova Metafísica.

Não farei aqui uma refutação sistemática e minuciosa das críticas à Metafísica, publicadas no século próximo passado, a isso pretendo dedicar um estudo mais longo e que possivelmente receba o formato de livro, ainda que sempre me pergunte se vale a pena tratar desse assunto amiúde, posto que o substancial de minha crítica se dirige ao princípio geral das críticas, qual seja, o de que as críticas tomaram a Metafísica tradicional como a única possível; assim como, os críticos da razão instrumental tomaram-na por toda a razão e, baseados neste equívoco negaram a possibilidade de que a razão governe o mundo, trata-se do velho erro lógico de tomar a parte pelo todo.

Segundo minha compreensão, que igualmente pode estar equivocada, a Metafísica, como nos legou a tradição, nasceu com Tales de Mileto.

Filosofia → Cosmologia → Ontologia

ἀρχή (arké, arché) = água

Qual a necessidade que levou Tales a formular um saber que, posteriormente, se chamará de Filosofia e dentro deste saber aquilo a que se denominou de Metafísica. Esclareço, de imediato, que estou bem ciente de que o termo Metafísica só vem a fazer parte do vocabulário filosófico bem depois, pois nem mesmo Aristóteles denominou assim a sua obra sobre o ser, a qual conhecemos hoje intitulada de Metafísica, sem que ele lhe desse tal título, claro que já ninguém ignora a origem pitoresca do título da obra de Aristóteles etc. e tal. Refiro-me ao que se compreende por Metafísica.

Tales necessitava encontrar um conhecimento que não fosse mera dóxa (opinião) e que não tivesse origem nos deuses, pois, a sua época Mileto, como de resto toda a Jônia, estava sob domínio ateniense, era colônia de Atenas, essa relação de dominação não era mantida pela força das armas, mas era justificada pela presença dos deuses; lembremos que as colônias de Atenas eram formadas por atenienses, que não dispoñdo de meios de sobrevivência em Atenas eram embarcados em navios, usualmente pelos seus pais, com mantimentos e com a orientação de que onde encontrassem terra favorável lá se estabelecessem, passando a enviar a Atenas parte do que lá produzissem, não apenas



para quitar a dívida contraída com a viagem, mas, sobretudo, para que fosse assegurado o culto aos deuses pelos que ficaram em Atenas, essa ligação forte de mediação aos deuses criadores do cosmo e tudo que há nele é que mantinha a dominação. Não sem razão, que as primeiras colônias a se libertarem foram as da Jônia, após a contribuição de Tales, que antecipa em séculos, na prática, o que dirá Lênin: *não há revolução sem uma teoria da revolução*.

Quando Tales consegue demonstrar a validade do conhecimento adquirido por ele em suas viagens e anuncia que a arké, o princípio no duplo sentido de substância originante e essencial, de todas as coisas é a água, evidente que não a água que se bebe ou se usa no cotidiano, mas a água como princípio de umidade presente em todas as coisas, e que, portanto, não foram os deuses que criaram o cosmos e sim esse princípio material, está posto o pensamento revolucionário que desautoriza a dominação ateniense. Não é difícil ver a necessidade de uma arké material, com apelo aos sentidos do homem comum, aliás, o argumento era forte: a água como a conhecemos e que deriva imediatamente do princípio de umidade, é o elemento mais comum, presente em tudo o que existe, permitindo até que Tales proponha uma teoria da evolução, segundo a qual as coisas mais evoluídas são as que contêm mais água em sua composição.

O sucessor imediato de Tales, seu discípulo, Anaximandro, inovando a relação mestre-discípulo, dirá que a arké não pode ser a água, nem nenhum outro elemento conhecido, mas algo que não se deixa determinar o *ápeirón*, mas em todo caso trata-se de um princípio material. E toda a tradição que se segue irá propor variações da matéria da arké, mas não de que se trata de um princípio material. Mesmo o ser de Parmênides será por ele descrito como uma esfera absolutamente perfeita fora da qual está o não-ser.

Com efeito, de tanto se propor essa base material, seja como átomo, como matéria primeira sem forma e assim por diante, chegou-se até a crítica contemporânea que diz: *na metafísica buscando o ser encontraram o ente e se satisfizeram com ele. Mas, o ser não é um ente, a pergunta que interroga pelo ser está mal formulada, não se pode perguntar o que é o ser, mas, o que se quer dizer quando se diz ser*. No entanto, essa mesma crítica assevera que o ser se diz, se desvela, a linguagem é a casa do ser, nessa morada habita o homem e nela exerce a guarda do ser... Tenho sempre a impressão de que aqui se fala também de um ente! Um ente especial, mas ainda assim um ente material, talvez por isso o próprio Heidegger dirá depois que em *Ser e Tempo* pensou o ser a partir da



tridimensionalidade do espaço e se lançou a escrever *Tempo e Ser* onde pretendia, segundo ele, fazer a correção, pena esse texto ter ficado inconcluso.

A diferença ontológica entre ser e ente, própria desse estilo de pensar dualista que ainda parece confundir Entendimento e Razão, no fundo não passa de uma repositição da diferença exterior, que pensa o finito como se contrapondo ao infinito e não como momento deste.

Permitam-me insistir: o início do século 20 foi marcado por grandes descobertas científicas – as da física (relativista, quântica), as da astronomia (a de que o universo é maior do que a nossa galáxia, buracos negros); a essas descobertas seguiram-se outras tantas que vieram através da cibernética, teoria dos sistemas, teoria da informação, nova biologia, química leve etc. Tudo isso em seu conjunto serviu para exigir uma nova compreensão do mundo, do universo e da própria humanidade.

Não obstante, o desenvolvimento científico-tecnológico paralelamente serviu de reforço à dominação positivista, ao mesmo tempo em que uma complexa sociedade, orientada para o trabalho e movida pelo capital reforçou a hegemonia do sistema econômico vigente, sob o manto do pensamento formal. E no fundo de tudo isto uma metafísica de base material, abandonada pelos filósofos nas mãos dos físicos e astrônomos, inteiramente incapaz de responder às exigências de um tempo em que $E=mc^2$ é lugar comum, em que a existência de estrelas a bilhões de anos-luz é notícia de jornal, em que doenças que afetam a humanidade já não são atribuídas a castigos divinos ou mistérios, mas a presença de vírus e bactérias identificados em laboratórios, num tempo em que a passagem dos neutrinos pelo planeta é detectada e a velocidade da luz se mantém como limiar absoluto apenas porque ultrapassar essa verdade abalaria os alicerces da ciência.

Enfim, a eclosão dos movimentos feministas, dos movimentos de direitos iguais entre as raças humanas, as organizações sociais em rede, as comunicações instantâneas entre lugares fisicamente distantes, o domínio do capital financeiro volátil, ou seja, as novas figuras do espírito configuram uma nova totalidade que requer, igualmente, novos instrumentos conceituais, mas, sem dúvida, a exigência primeira é uma nova metafísica, não o tantas vezes anunciado fim da metafísica, mas a compreensão de que a mudança de base metafísica irá ensejar uma outra forma de pensar, que possivelmente venha a



atender ao diagnóstico de Einstein, que pode ser resumido na sentença: o pensamento que nos conduziu até aqui é incapaz de nos tirar daqui.

Destarte, se na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel começa pela imediatez da consciência-de-si, no começo da *Ciência da Lógica* a imediatez é o ser que é o nada, cuja diferença entre um e outro reside tão somente na intencionalidade do sujeito cognoscente. A pergunta que se fez, um pouco mais de um século depois de Hegel – por que o ser e não o nada? Revela-se assim inessencial ou revela um desconhecimento do texto hegeliano ou simplesmente uma recusa à aceitação de reconhecer verdadeiro o texto.

De todo modo, volto ao Hegel na pessoa e encontro:

O que importa é, justamente, a consciência sobre esses começos, a saber, que não são outra coisa que essas abstrações vazias, e que cada um dos dois [ser e nada] é tão vazio quanto o outro. O impulso para encontrar no ser, ou nos dois, uma significação firme é essa necessidade mesma que leva adiante o ser e o nada, e lhes dá uma significação verdadeira, isto é, concreta. (...) A reflexão, que encontra para eles determinações mais profundas, é o pensar lógico, por meio do qual tais determinações se produzem, não de modo contingente, mas de modo necessário. Cada significação subsequente, que recebem, deve, portanto, ser vista como uma determinação mais precisa e uma definição mais verdadeira do absoluto.²

Por conseguinte, a dialética do conceito que nos permite a apreensão do ser, tem como exigência, para a sua demonstração conceitual, a fenomenologia da consciência-de-si no devir de si mesma como *espírito que se sabe como espírito* (o que corresponde ao périplo da consciência de si na *Fenomenologia* de Hegel), e tem como ponto de partida as abstrações imediatas e vazias do ser e do nada que é igualmente a contradição que impulsiona a dialética da diferença interior em sua efetividade inicial, seu manifestar-se em determinações. Posto que, repito, “o nada, enquanto esse nada imediato, igual a si mesmo, é também, inversamente, o *mesmo* que o *ser*. A verdade do ser, assim como do nada, é portanto a *unidade* dos dois: essa unidade é o *vir-a-ser*.”³

Por conseguinte, se a substância é essencialmente sujeito, como nos apresenta Hegel desde o Prefácio de sua *Fenomenologia* e esse sujeito se torna efetivo como consciência-de-si que no final do processo em que culmina seu devir é espírito, cuja manifestação mais simples se diz Eu, vale lembrar que desde a perspectiva hegeliana o *Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se e o relacionar-se a si mesmo*. (“Ich ist der

² Hegel, *Enciclopédia*, op. cit. §87, p.179.

³ Hegel, Id. §88, p.180.



Inhalt der Beziehung und das Beziehen selbst”⁴). O que significa dizer que temos de pensar a realidade efetiva ou fenomenológica em termos de colapso quântico de totalidades polissêmicas de relações.

Com efeito, quando nos situamos no âmbito do sistema hegeliano se abre diante de nós o real como o campo do possível, das infinitas possibilidades desse real vir a ser efetivo; o ponto mesmo a partir do qual longe de se buscar soluções para as contradições se busca apreendê-las na dinâmica mesma de seu movimento, no vórtice incessante de suas manifestações multifacetadas, na plethora de um pensamento do Absoluto que é o Ser mesmo e cuja manifestação mais plena de sentido é o Conceito.

Com efeito, esse movimento dialético nos revelará que:

Só o Conceito pode apreender todas as diferenças – inclusive as diferenças de seu Outro – em sua identidade, enquanto ele é o universal que, de modo imanente, se desdobra nas particularidades que, negação do universal para si mesmo, são por isso a afirmação de si mesmo nelas, portanto, somente negado para si mesmo nelas se reuni consigo mesmo, de modo concreto ou sistemático.⁵

O Sistema de Hegel é a apresentação do Absoluto, tem o Absoluto como seu objeto e, simultaneamente, o seu sujeito, sua substância. E seria faltar com a coerência se houvesse algo fora do Absoluto, por isso “a vida de Deus e o conhecimento divino bem que podem exprimir-se como um jogo de amor consigo mesmo”⁶.

Nesse Sistema nós - espíritos finitos - não apenas fazemos parte desse jogo, mas somos seus protagonistas, somos o efetivo por meio do qual o Absoluto se mediatiza, se manifesta, se sabe e se diz de si mesmo.

Nesse sentido o Conceito, como a expressão mais plena do dizer que o absoluto faz de si mesmo, tem de ser omniabarcante, a verdade do verdadeiro que é o todo. Por isso a *Fenomenologia* é dele momento necessário, desde que aqui se compreenda a necessidade como *a posteriori*, a *Fenomenologia* como a escada a que o indivíduo tem direito para elevar-se da ignorância ao saber absoluto, antecede a ciência, mas já é ela mesma ciência e se desdobra na *Lógica*, na *Filosofia da Natureza* e na *Filosofia do Espírito*, momentos do Conhecer que é Ser em sua efetividade.

⁴ Hegel, G. W. F. - *Phänomenologie des Geistes*. Werke in 20 Bänden. Frankfurt am Main. 3 ed. Suhrkamp, 1991, pp.137,138)

⁵ Bourgeois, Bernard - In *Présentation de l'Encyclopédie des Sciences Philosophiques*, I. La Science de la Logique. Paris. 3 ed. Librairie Philosophique J. Vrin, 1986, p. 14.

⁶ Hegel, G. W. F. - *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis. Vozes, 2002.



A advertência hegeliana de que o saber absoluto é condição *sine qua non* para fazer Ciência tem sido, com frequência, negligenciada; aos leitores da *Fenomenologia* cabe, portanto, advertir que esse livro não foi escrito para ser simplesmente lido, mas para ser reescrito em cada leitura, ser experimentado, vivenciado, tornado parte do espírito do leitor na revelação final em que o leitor se desvela para si mesmo como o *espírito que se sabe como espírito*.

Nada mais fácil de entender o que é *ser espírito que se sabe como espírito*, nada mais difícil do que se perceber, do que se apreender assim, sobretudo, após o século 20 e o domínio hegemônico que nele exerceu o positivismo, o formalismo e uma metafísica de base material, que não obstante ter sido ultrapassada pelo saber mesmo que produziu e, paradoxalmente, destronou a substancialidade da matéria, segue sendo, a medida mesma em que serve ao poder dominante, o pensamento oficial de nosso tempo, que se quer e se afirma como pensamento único, em termos de validade e interpretação de nossa realidade.

De modo que a voz de Hegel permanece sendo *divergente* e os que ousam reivindicar que essa voz seja ouvida são os *insurgentes* (divergente e insurgente termos usados aqui numa alusão à linguagem cinematográfica recente, numa película que não por mera coincidência tem uma heroína como seu personagem central), porque opõem o sistema hegeliano ao sistema de crenças, que agora tem na ideologia do politicamente correto seu melhor aliado.

E se saber a si mesmo como espírito é a condição, como isso é possível num contexto em que se estuda o cérebro para explicar a mente como seu subproduto ou, o que é o mesmo dito em linguagem cartesiana, num mundo onde a coisa extensa é causa da coisa que pensa? O sistema de crenças vigente faz com que as pessoas acreditem que têm alma como um bem ou produto que se possui, faz com que elas esqueçam ou não saibam que, cito novamente Hegel na pessoa, “o espírito se diferencia da alma - que é, por assim dizer, o termo mediador entre a corporalidade e o espírito, ou o vínculo entre os dois. O espírito, enquanto alma, está imerso na corporalidade, e a alma é o princípio vital do corpo.”⁷

Urge, portanto, fazer a correção da famosa e malfadada inversão hegeliana, pois não é o fenômeno que produz a consciência e muito menos a consciência que produz o

⁷ Hegel, G.W. F. – Enciclopédia, 1995, §34, p.96.



fenômeno, mas a consciência é a relação que se estabelece no ato de produção do conhecimento do fenômeno, seja ele interno ou externo à Consciência-de-si, perdoem-me, mas insisto em usar este termo em vez de autoconsciência como quer a ideologia do politicamente correto. Para mim autoconsciência é olhar para seu próprio umbigo num espelho, enquanto consciência-de-si é olhar a si mesmo no outro, reconhecendo o outro como outro de si mesmo em sua diferença e singularidade, essa compreensão é uma exigência do pensar hegeliano. Isso posto, delinea-se a razão pela qual a *Fenomenologia* compreende-se como o primeiro momento da dialética que nos permite apreender o Ser.

A ironia grosseira, superficial e carente de conhecimento se compraz em repetir jocosamente que Hegel pensou o que Deus pensou antes de pensar, na verdade, um pouco de conhecimento basta para dissipar o suposto motivo de riso implícito nesta frase. Novamente, a virtude da coerência fez Hegel enunciar, entre outras assertivas, que *o que é racional é efetivo e o que é efetivo é racional*, ora, significa dizer que não há realidade efetiva que não possa ser apreendida pela razão e bem sabemos que tudo o que é racional somente o é porque pode ser objeto do logos, da razão e ser posto no discurso filosófico, na fala que deve se guardar de ser edificante para ser plena de sentido.

Hegel, portanto, não poderia admitir em seu sistema nenhum pressuposto, nenhuma verdade que não pudesse ser demonstrada racionalmente, nenhuma evidência apodítica que dispensasse sua demonstração racional. Assim, na *Fenomenologia* onde apresenta uma teoria do conhecimento em seu desenvolvimento imanente, começa na Certeza sensível, no momento mesmo em que a consciência-de-si carente de todo saber acredita ter o mais rico saber por nada abstrair do objeto de seu saber, e ao descobrir a miséria desse saber, instigada pelo filósofo que a provoca, se põe no movimento que por fim irá conduzi-la ao saber absoluto, no jogo das mediações perpassado por figuras e momentos vivenciais.

Com efeito, “o ser no vir-a-ser, enquanto um com o nada, e assim o nada, enquanto um com o ser, são apenas evanescentes: o vir-a-ser, por sua contradição dentro de si mesmo, colapsa na unidade em que os dois são suprassumidos; seu *resultado* é, pois, o *ser-aí*”.⁸ O ser-aí é a suprassunção do vir-a-ser enquanto relação do ser e do nada, que como o *algo*, o ser determinado, é a contradição de ter a sua negação em si mesmo, posto que, *omnis determinatio est negatio*, essa verdade ou desvelamento que de tão

⁸ Hegel, G.W. F. – Enciclopédia, 1995, §89, p.185.



relevante, segundo Hegel, seria suficiente para dar um lugar de destaque a Spinoza na História da Filosofia.

Ora, mas essa Metafísica não pode deter-se em seus começos, antes tem de desdobrar-se, desenvolver-se, buscar a sua efetivação, mas doravante o processo se adensa em determinações, primeiramente apenas no pensar, na dimensão lógica e ontológica, até que movido pela dinâmica interna de suas relações o ser-aí enquanto a verdade do vir-a-ser há de se extrusar, de se aprofundar, diz-nos Hegel:

Um tal aprofundamento do vir-a-ser em si mesmo nós temos, por exemplo, na *vida*. A vida é um vir-a-ser, mas seu conceito não se esgota nisso. Em uma forma mais alta, encontramos ainda o vir-a-ser no *espírito*. Esse é também um vir-a-ser, mas um vir-a-ser mais intenso, mais rico que o vir-a-ser simplesmente lógico. Os momentos, de que o espírito é unidade, não são os meros abstratos do ser e do nada, mas o sistema da ideia lógica e da natureza.⁹

Não obstante, o fundamento, o ser, a teia de relações em vias de complexificação que implica uma Metafísica capaz de perpassar e integrar Fenomenologia, Lógica, Natureza e Espírito como termos constitutivos da dialética de sua consumação, requer que esses termos sejam compreendidos aqui somente no sentido em que se dão os termos de um silogismo dialético, qual seja, no sentido em que se alternam nas funções lógicas, mas nunca no sentido de uma linearidade temporal, porquanto a categoria essencial da dialética hegeliana é a simultaneidade, em sua exposição a sucessividade é apenas uma exigência da linguagem.

Neste ponto, vale citar mais uma vez Hegel na pessoa:

O conhecer, já contido na ideia lógica simples, é apenas o conceito, por nós pensado, do conhecer; não o conhecer para si mesmo, nem o espírito efetivo, mas simplesmente sua possibilidade. O espírito efetivo, que é nosso objeto somente na ciência do espírito, tem a natureza exterior por sua pressuposição mais próxima, como tem a ideia lógica por sua pressuposição primeira. Por isso, como seu resultado final, a filosofia da natureza – e a lógica, imediatamente – deve ter a prova da necessidade do conceito do espírito. (...) Essa verdade da necessidade é, por conseguinte, a liberdade; e a verdade da substância é o conceito.¹⁰

Há pouco saímos de um século em que tivemos uma profusão de comentadores e repetidores do pensamento filosófico precedente, agora precisamos de produtores, de desveladores, de verdadeiros filósofos que venham a atender a imperiosa necessidade de traduzir o nosso tempo em Conceito, a carência de Filosofia se faz sentir na frivolidade, no tédio e na impaciência que grassam na culta academia do nosso tempo.

⁹ Hegel, G.W. F. – Enciclopédia, 1995, §§88, 89, p.184, 185.

¹⁰ Hegel, Id., §§381, 158, pp.15, 287, respectivamente.



Permitam-me retomar algo que já expressei, sem nenhuma prepotência ou arrogância, sem ares grandiloquentes, mas apenas voltando a mim mesmo num trabalho há algum tempo publicado:

A base material que dá sustentação à Metafísica que a tradição nos legou, se desmanchou no ar, as ciências físicas já não dispõem, propriamente, de algo físico no sentido estrito; diz-se até que os físicos, ao penetrarem, com o olhar da ciência, no interior do suposto átomo, se depararam com uma fluidez e uma incerteza jamais imaginadas; não há nesse interior algo que ainda possa ser chamado adequadamente partícula, nem mesmo a assim chamada 'partícula de Deus', nada mais seria que a unidade resultante das relações entre as forças forte, fraca, eletromagnetismo e gravidade; na verdade, o que encontraram foram relações conectivas e conectadas, que formam unidades compactas e constituem como que a base última na qual se assenta a nossa realidade 'física'.

Poderíamos mesmo dizer que o objeto de conhecimento das ciências físicas é agora o Conceito em sua evanescente manifestação e, por isso, talvez, a crise de paradigmas seja um sintoma da carência de Filosofia, mais especificamente, da Filosofia que implica um redimensionamento do conhecimento, a partir de uma Metafísica, possivelmente, de base relacional.

Em tudo se revela o advento de uma nova figuração, a evanescência imposta pelas novas figuras do espírito, que se traduz no *quantum* de informação (conhecimento) produzida como na velocidade com que essa informação revela sua insuficiência ao ser suprassumida quase imediatamente à aceitação como verdade. Em tudo se manifesta para o homem contemporâneo, o indicativo de que seu mundo tem uma nova configuração e de que ele próprio, como criador-criatura desse mundo, necessita abandonar os ultrapassados pressupostos do cientificismo positivista para lançar-se ao desafio de compreender a si mesmo como espírito finito e a sua realidade efetiva espiritual, a partir de um ser que é pleno vir-a-ser e que, em sua identidade com o conhecimento, é um conhecer que é ser. Por ora, isso é ainda uma meta, sabemos que uma meta existe para ser um alvo, mas quando o poeta diz meta pode estar dizendo o inatingível e quando o filósofo diz meta pode estar querendo significar algo que excede sempre as condições finitas de sua efetuação. Assim, como diria Schiller, citado por Hegel como corolário para a sua *Fenomenologia*, somente



'do cálice desse reino dos espíritos
espuma até ele sua infinitude.' [Schiller].

E fica o convite à ousadia de que novamente possamos dar voz à Filosofia, assentada numa metafísica de base relacional que para além do feminino e do masculino preserve a identidade na diferença, sei que uma verdade leva, em geral, muito tempo para ser compreendida, aceita, assimilada e vivida, basta lembrar que ainda usamos expressões tais como “o pôr dos sol”, mesmo sabendo há séculos que o sol não se põe; por isso apelo para que deixemos de nos reduzir à matéria, para que repensemos expressões comuns que reforçam esse pensamento, tais como; ‘coração partido’, “sujeito fragmentado”, “pessoa descentrada” e demos lugar a um pensamento que se abre às infinitas dimensões que constituem a realidade e perpassam e fazem parte do espírito que somos nessa experiência humana que ora vivenciamos; a teologia feminina nos chamou a atenção à compreensão de que Deus também pode ser Deusa, pois nele essa determinação é inessencial, embora poucos ousem dizer “Mãe nossa que estais no céu...”.

Creio que é chegada a hora de supressumirmos tudo que nos separa em determinações que apenas nos distinguem e contribuem para que cada um afirme o seu si mesmo na diferença do outro. Clamo por categorias, elementos e conceitos femininos presentes nessa Metafísica de base relacional, clamo por uma voz feminina que as proclame, clamo porque acredito que o desejo mais profundo que experimentamos, aquele que é constitutivo mesmo de nossa raiz e incompletude ontológica, é o desejo de ser si mesmo que primariamente se consuma quando supressumo o desejar o outro no desejo do desejo do outro, na dialética do reconhecimento que nos permite vislumbrar a imagem e semelhança da divindade espiritual de que somos momento e figura.

REFERÊNCIAS

- Bourgeois, B. - In *Présentation de l'Encyclopédie des Sciences Philosophiques*, I. La Science de la Logique. Paris. 3 ed. Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.
- Hegel, G. W. F. - *Enciclopédia das Ciências Filosóficas. A Ciência da Lógica*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo. Loyola, 1995.
- Hegel, G. W. F. - *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis. Vozes, 2002.

MORAES, Alfredo de Oliveira. Uma metafísica para além do feminino e do masculino. p. 203-217.



Hegel, G. W. F. - Phänomenologie des Geistes. Werke in 20 Bänden. Frankfurt am Main. 3 ed. Suhrkamp, 1991.

Moraes, Alfredo O. - A Metafísica do Conceito: Sobre o problema do Conhecimento de Deus na Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2003.



MORAES, Alfredo de Oliveira. Uma metafísica para além do feminino e do masculino. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.15, N.1, 2018, p. 203-217.

Recebido: 22/09/2017

Aprovado: 10/11/2017

